



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS - LIP**  
**DISCIPLINA: PROJETO DE CURSO**  
**PROFESSORA DOUTORA: ELOISA NASCIMENTO SILVA PILATI**

## **O USO DA VÍRGULA**

**ADRIELE RODRIGUES DO PRADO TEIXEIRA**

**Brasília**  
**2011**

**Adriele Rodrigues do Prado Teixeira – matricula: 09/0002369**  
**(adriele.prado@hotmail.com)**

## **O USO DA VÍRGULA**

Trabalho apresentado ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português (LIP), da Universidade de Brasília, como requisito para conclusão da disciplina de Projeto de Curso.

**Orientadora: Professora Doutora Eloisa Nascimento Silva Pilati**

**Brasília**  
**2011**

## **RESUMO**

O artigo analisa a forma como as gramáticas tradicionais abordam o uso da vírgula. Procura identificar as divergências e pontos em comum entre gramáticos conceituados como Cunha & Cintra e Bechara. Demonstra a relação existente entre a vírgula e a sintaxe da oração, voltada especificamente para a vírgula como forma de marcar a ruptura da ordem direta na oração. Após essas análises, propõe uma metodologia de ensino diferenciada, voltada principalmente para a necessidade de o aluno saber justificar o emprego da vírgula.

Palavras-chave: Vírgula. Gramática. Sintaxe. Metodologia.

## Sumário

Introdução .....	5
1- Gramáticas tradicionais .....	5
1.1- Celso Cunha & Lindley Cintra .....	5
1.2- Domingos Paschoal Cegalla .....	8
1.3- Evanildo Bechara .....	10
1.4- Análise comparativa entre as três gramáticas .....	11
1.5- Suzana D'Avila .....	13
2- Relação da vírgula com a sintaxe .....	13
3- Uma metodologia para o ensino de vírgula .....	16
4- Considerações Finais .....	18
5- Referência Bibliográfica .....	19

## **Introdução**

O presente trabalho aborda um dos sinais gráficos: a vírgula. Largamente definida com base na duração da pausa que marca, esse é um sinal mais complexo e que demanda uma compreensão mais ampla para ser usada corretamente.

O objetivo do trabalho é analisar como gramáticos conceituados abordam esse tema, suas divergências e pontos em comum. Analisar-se-á também como as gramáticas escolares apresentam a vírgula buscando identificar possíveis falhas na abordagem.

Busca-se averiguar a existência de uma relação entre o uso da vírgula e a sintaxe da oração e se, de alguma forma, podemos resumir ou compilar as extensas regras apontadas em algo mais simples e fácil de compreender.

O estudo desse tema é justificado pela necessidade dos alunos em aprender a forma correta do uso da vírgula. O aluno deve saber que a vírgula não é para marcar as pausas no texto, mas, principalmente, para a semântica da oração que pode ser alterada no caso de uma vírgula utilizada de forma errada.

A presente pesquisa está dividida nas seguintes seções: Celso Cunha & Lindley Cintra, Domingos Paschoal Cegalla, Evanildo Bechara, nessas seções está contida a análise de que forma cada um desses autores aborda o uso da vírgula; em seguida vêm as seções: Análise comparativa entre as três gramáticas, Suzana D'Avila, Relação da vírgula com a sintaxe, Uma metodologia para o ensino de vírgula, e por fim as considerações finais.

### **1- Gramáticas Tradicionais**

#### **1.1- Celso Cunha & Lindley Cintra (2008)**

Estes gramáticos apresentam esse sinal de pontuação com o seguinte conceito: “a vírgula marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas, também, orações de um só período”.

Inicialmente apontam quais as situações em que a vírgula poderia ser usada no interior da oração. A primeira regra é a de que a vírgula separa elementos que exercem a mesma função sintática, podemos citar como exemplo o sujeito composto, complementos e adjuntos.

(1): A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores.

Quando utilizamos as conjunções *ou*, *e* ou *nem* de forma repetida, como numa enumeração, separamos os elementos enumerados por vírgula. Contudo, se os elementos exercem a mesma função sintática e vêm unidos por conjunções desse tipo, nesse caso, não se usa vírgula.

(2): Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas. (A. de Oliveira, P, II, 344)

(3): Maria e João dançavam juntos.

Separa-se também elementos que exercem funções sintáticas diferentes. Ao isolar o aposto, o vocativo, os elementos repetidos e o adjunto adverbial antecipado. A intenção, normalmente, é de realçar esse termo.

(4): João, o menino, estava feliz.

(5): Maria, você vai mesmo por aí?

(6): O bolo é meu, meu, meu, eu quero!

(7): À noite, às vezes, fazia barulho.

Dentro da oração, separa-se o nome do lugar na datação por escrito.

(8): Brasília, 22 de Junho de 2011.

E para indicar a supressão de uma palavra, ou de um grupo de palavras.

(9): Eu fiz o bolo; ele, o pão.

Em uma segunda divisão de como emprega-se a vírgula, Celso Cunha apresenta as situações em que se utiliza a vírgula entre as orações. Podemos separar as orações coordenadas assindéticas como em:

(10): Pois eu caçava, visgava, alçapava.

Separamos também as orações coordenadas sindéticas, menos as introduzidas pela conjunção *e*, mas se as orações introduzidas por *e* tiverem sujeitos diferentes elas serão separadas por vírgula:

(11): Não comas, que o tempo é chegado.

Quando se tratarem das conjunções adversativas é importante ressaltar que *mas* é usada sempre no início da oração e vem antecedita por vírgula.

(12): Vá aonde quiser, mas fique morando conosco.

Já as conjunções *porém*, *todavia*, *contudo* e *no entanto* podem vir ora no início, ora após um de seus termos, e nesse segundo caso a conjunção vem entre vírgulas.

(13): Vá aonde quiser, fique, porém, morando conosco.

A conjunção conclusiva *pois* vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence e logo, isolado por vírgulas.

(14): Não pacteia com a ordem; é, pois, uma rebelde.

Usamos vírgula ainda para separar as orações intercaladas.

(15): “Lá vem ele com as raízes”, resmungou Paulino, baixando a cabeça.

Para separar as orações subordinadas adjetivas explicativas.

(16): O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.

Separamos, ainda, as orações subordinadas adverbiais.

(17): Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.

Outros tipos de orações que são separados por vírgula são as reduzidas de infinitivo, gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais.

(18): Fatigado, ia dormir.

Concluem afirmando que não se pode usar vírgula entre os termos essenciais e integrantes da oração, pois eles se ligam sem pausa. Finalizam, ainda, observando que qualquer

frase ou termo de oração de valor meramente explicativo vem isolado por vírgulas, por ser também pronunciado entre pausas. Apontam, por último, os casos em que a vírgula não caracteriza uma pausa como em respostas rápidas: Sim, senhor. Não, senhor.

### **1.2- Domingos Paschoal Cegalla (2008)**

Cegalla trata do tema de maneira mais superficial, afirmando que não existem regras rigorosas sobre a matéria e, por isso, só apresenta os aspectos gerais que o uso geral vem sancionando na atual língua escrita.

Emprega-se vírgula para separar palavras ou orações justapostas assindéticas, como em:

(19): As moças saíram, dançaram, namoraram e voltaram.

Separam-se os vocativos e apostos, como já apresentado nos exemplos 4 e 5. Pode se separar certos predicativos como em:

(20): Rápido e atento, o garçom servia a todos.

Deve-se separar através de vírgula as orações intercaladas como no exemplo 15. Ao se referir as orações subordinadas adjetivas explicativas, Cegalla, se refere diretamente a esse tipo de oração, mas também o faz de maneira indireta uma segunda vez ao se referir as orações de caráter explicativo, neste caso, a expressão tem sentido mais amplo se referindo também a orações desse tipo:

(21): O homem, *como alguns o consideram*, é o único animal racional.

Nesse campo de explicação, afirma que se separa certas expressões explicativas ou retificativas, como isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes, etc.

(22): O equilíbrio do relacionamento, *isto é*, a harmonia, é o maior problema dos casais de hoje.

(23): Se ele ligar, diga que estou no banho, *ou melhor*, diga que já saí.



No que se refere ao advérbio, cita que deve-se separar as orações adverbiais desenvolvidas, as reduzidas e os adjuntos adverbiais, normalmente a vírgula só é exigida em se tratando de adjuntos adverbiais extensos, nos de curta duração ele seria dispensável.

(24): *Depois que o chefe saía*, os funcionários iam para a internet.

(25): Ele entrou, *sem ser convidado*, na festa de 15 anos da Fabíola.

(26): A ortografia, *lentamente, desde que a escrita se formou*, vem sendo modificada.

Usamos a vírgula para separar certas conjunções pospositivas, como porém, contudo, pois, entretanto, portanto, etc.

(27): Disseram-me, porém, que ela já havia saído.

Separa-se também os elementos paralelos de um provérbio.

(28): Casa de ferreiro, espeto de pau.

Apresenta a obrigatoriedade no uso da vírgula para separar termos que desejamos realçar e para indicar a elipse de um termo, como já foi anteriormente abordado nos exemplos 4 a 7 e 9. Deve-se separar, nas datas, o nome do lugar, conforme exemplo 8.

Cegalla apresenta uma abordagem interessante e diferente ao citar os casos em que não se deve usar a vírgula, tão importante quanto mostrar as regras de uso obrigatório é se demonstrar em que casos não se deve usar a vírgula.

Não podemos usar a vírgula entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos, mas se entre eles ocorrerem adjunto ou orações a vírgula será obrigatória.

(29): Meus olhos, devido à fumaça.

Da mesma forma que não se separa o sujeito do verbo também não podemos separar o verbo de seus complementos.

(30): Carlos disse à namorada que a amava eternamente.

Também não se pode usar a vírgula antes da oração adverbial consecutiva.

(31): Ela dançou tanto *que chegou a perder o salto do sapato*.

(32): O vento soprou tão forte que arrancou mais de uma árvore.

### 1.3- Evanildo Bechara (2009)

Bechara apresenta uma abordagem mais ampla e bem estruturada do uso da vírgula. Inicia afirmando que emprega-se a vírgula para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa), observa que, no caso de uma série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula.

(33): João, Maria e José gostam de brincar.

Deve-se separar as orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas por conjunção e proferidas com pausa.

(34): Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Outro tipo de coordenada que se separa por vírgula é a alternativa (ou, quer, etc.), quando proferidas com pausa, observa que se a conjunção ou for usada com o sentido de ratificação, mas se denota equivalência não se usa vírgula.

(35): O professor ora brinca, ora fala sério.

Emprega-se a vírgula nas aposições, exceto no especificativo, para separar ou intercalar vocativos<sup>1</sup>, aponta que nas cartas a pontuação é variada (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos. Emprega-se ainda para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não tem efeito superlativamente).

(36): *Um grande amor*, todos já o viveram na imaginação.

As orações adjetivas explicativas<sup>2</sup> e as orações restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos das duas orações diferentes se juntam, nesses casos o uso da

---

<sup>1</sup> Conforme 5: Maria, você vai mesmo por aí?

<sup>2</sup> Conforme 16: O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.

vírgula é obrigatório. As orações intercaladas também são separadas por vírgula<sup>3</sup>. Deve-se separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão.

Quando se trata de advérbios, Bechara, afirma que usa-se a vírgula para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal. Deve-se separar as conjunções e advérbios adversativos (porém, todavia, contudo), principalmente quando posposto.

A vírgula obrigatoriamente deve ser empregada para separar, nas datas, o nome do lugar e para indicar, às vezes, a elipse do verbo.

Apresenta ao final duas “regras” que fogem do seu padrão inicial extremamente ligado a sintaxe. Afirma que se usa a vírgula para assimilar a interrupção de um seguimento natural das idéias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária e que para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada. Nesses dois casos o autor faz uso de uma metodologia mais voltada para interpretação e a intenção do autor na hora de construir a frase do que para a análise sintática da oração.

#### **1.4- Análise comparativa entre as três gramáticas**

As diferentes gramáticas apresentadas divergem, principalmente, na metodologia com que apresentam as regras, Celso Cunha (2008) apresenta uma divisão bem didática, dividindo os casos em que a vírgula aparece dentro da frase e quando ela aparece entre as frases. Cegalla (2008) inova ao apontar os casos em que não devemos usar a vírgula. Bechara (2009) chama a atenção quando cita duas regras voltadas para a intenção do autor e não para a sintaxe da frase.

Celso Cunha (2008), por exemplo, explica que a vírgula deve ser empregada para separar elementos que exercem diferentes funções sintáticas, nesse caso servindo para realçar tal elemento. Bechara traz uma explicação que mistura a sintaxe com a semântica, afirmando que a vírgula é usada para separar adjuntos adverbiais antecipados, para intercalar o vocativo, para

---

<sup>3</sup> Conforme 15: “Lá vem ele com as raízes”, resmungou Paulino, baixando a cabeça.

assimilar a interrupção de um seguimento natural das idéias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária e para separar a expressão deslocada.

Podemos citar algumas regras que se repetem nas gramáticas e que aparentemente não apresentam divergência:

Para isolar as orações coordenadas assindéticas.
Emprega-se vírgula para isolar o aposto, o vocativo, elementos repetidos e adjuntos adverbiais antecipados.
Usa-se vírgula para indicar a elipse de um termo. Cunha & Cintra utilizam a expressão palavra ou grupo de palavras, Bechara atenta para a elipse verbal e Cegalla fala em termo.
Utiliza-se a vírgula para isolar orações subordinadas adjetivas explicativas e as subordinadas adverbiais, quando antepostas a principal.
Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio quando equivalentes a orações adverbiais.
Para separar orações intercaladas
Para separar na datação de um escrito, o nome do lugar
Separar orações coordenadas sindéticas as aditivas, salvo as introduzidas por <i>e</i> com sujeitos iguais. Antes das conjunções adversativas.

Existem mais regras, mas essas são as encontradas de forma semelhante na maioria das gramáticas. Cunha & Cintra apresentam um lista de regras extremamente ligada à sintaxe da oração, usam termos como oração coordenada, subordinada, etc. Cegalla traz regras mais simplificadas, baseadas também na sintaxe; foi a única que trouxe regras de onde não usar vírgula, por exemplo, entre o sujeito e o verbo. Bechara, por sua vez, vem com uma abordagem muito parecida com Cunha & Cintra, mas inova ao trazer regras voltadas mais para a semântica e a sequência lógica da sentença do que para a sintaxe; observa que a vírgula vai ser usada para assimilar a interrupção de um segmento natural.

### **1.5- Suzana D'Avila (2009)**

D'Avila é autora da obra “*Gramática em prática: textos e exercícios*”, essa gramática é utilizada por alunos do sexto ano; apresenta uma abordagem bem esquematizada, separada por casos em que se usa a vírgula para separar: o vocativo, o aposto, os adjuntos adverbiais deslocados, as palavras da mesma classe:

(37): Lanche, lanterna, repelente, acho que não faltou nada.

As conjunções coordenativas intercaladas (deslocadas), o nome do lugar, nas datas; os dois termos que ficam quando você omitir, propositalmente, o verbo ou outro termo de uma oração; as expressões explicativas ou retificadas; as orações ou termos coordenados assindéticos e as orações subordinadas adjetivas explicativas.

Apresenta os casos em que não se usa a vírgula para separar: o sujeito do predicado, o verbo de seus complementos, as orações subordinadas substantivas, as orações subordinadas adjetivas restritivas e as coordenadas, ligadas por e, que tenham o mesmo sujeito.

Chama a atenção para os casos em que as orações coordenadas iniciadas pela conjunção *e* levam vírgula: quando há um sujeito diferente do sujeito da oração à qual está ligada e quando a conjunção *e* vem repetida. As orações subordinadas adverbiais podem, ou não, vir separadas por vírgula, mas quando vier antes da principal ela será obrigatória.

## **2- Relação da vírgula com a sintaxe**

Ao tratar dos sinais de pontuação devemos ter em mente o contexto em que eles ocorrem: a oração. No caso da vírgula, essa análise é ainda mais importante, pois é a oração que vai indicar ou não a sua necessidade.

A intenção do autor na hora de escrever uma sentença também pode ser marcada por esse sinal, ao enfatizar um determinado termo da oração ele também demonstra qual é o seu foco. Sobre essa possibilidade de determinar um foco na oração Neves afirma que:

Eventos descritos no discurso e as entidades neles envolvidas não têm todas a mesma importância comunicativa, dispondo a organização discursiva de mecanismos capazes de marcar a relevância relativa dos diferentes eventos e entidades que se seguem no discurso (NEVES, 1997, p. 33). Ainda nesse sentido fala que: O fluxo de informação determina a ordenação linear dos sintagmas normais na frase, que se faz na sequência que o falante considera

adequada para obter a atenção do ouvinte, mas alterações de ordem podem atuar no sentido de controlar o fluxo de atenção (NEVES, 1997, p. 35).

Vê-se que é necessário entender de sintaxe para pontuar de forma correta. Precisamos entender a ordem dos segmentos na frase para fazer uso da vírgula, no mesmo sentido Camargo aponta que:

É preciso entender que a pontuação é um código que deve facilitar a leitura de um texto escrito. Para fazer bom uso desse código, devemos compreender (mesmo que, por vezes, intuitivamente) a sintaxe da língua, isto é, a organização dos elementos no interior dos períodos (CAMARGO, 2005, p. 1).

Percebe-se essa necessidade ao analisar a forma como as gramáticas demonstram as regras da vírgula sempre fazendo uma referência direta a sintaxe da oração. Celso, Bechara e Cegalla fazem uso do mesmo recurso, mas, é claro, em proporções diferentes.

De uma forma mais simples, poderíamos afirmar que a vírgula será sempre utilizada quando ocorrer a ruptura da ordem direta da oração; quando se inserir algum elemento diferente nessa ordem direta, algo que rompa a sequência natural da oração, como, por exemplo, um adjunto, um vocativo, um termo explicativo ou um adjunto adverbial; nos casos de uma enumeração a vírgula é obrigatória e, quando se tratam de orações independentes, a vírgula também será usada. E existem os casos em que se usa a vírgula por convenção, como no caso da separação entre o lugar e o dia em uma datação. Para ilustrar essas afirmações segue alguns exemplos:

João	comeu	o bolo	
Sujeito	Verbo	Complemento	
O bolo,	João	comeu.	
Complemento	Sujeito	Verbo	
João, Maria e José	comeram	o bolo	
Sujeitos	Verbo	Complemento	
João,	o filho de José,	comeu	o bolo
Sujeito	Aposto	Verbo	Complemento
João	Comeu	o bolo,	<i>mas</i> não todo.
Sujeito	Verbo	Complemento	Conjunção adversativa

Quando João chegou,	o bolo	tinha acabado.
Oração adverbial	Sujeito	Verbo

Podemos afirmar após essa análise que:

Reconhecer e identificar os constituintes da sentença é ainda importante para a boa utilização dos sinais de pontuação: o aluno entenderá melhor, por exemplo, que a vírgula não deve ser usada entre o predicador e seus “argumentos”, a menos que ocorra um “adjunto” interveniente ou que a ordem canônica desses argumentos seja mudada (VIEIRA & BRANDÃO, 2007, p. 201).

Fica claro, desse modo, que para pontuar bem o aluno precisa entender de sintaxe, não podemos tratar esses dois temas de forma separada, o ideal é que ao se ensinar sintaxe da oração se ensine também a usar a vírgula e os demais sinais de pontuação. É possível que o aluno seja muito bom em sintaxe, mas por não ver essa ligação lógica com a pontuação ele não saiba fazer o uso correto dela.

As gramáticas têm a tendência de tratar desse tema baseadas somente em regras o que dificulta a compreensão. A gramática não deveria ser vista apenas como um conjunto de regras ela deve estar aliada com as necessidades de quem fala e escreve. Nesse mesmo sentido Bechara afirma:

Tem muita razão o genial linguista Antonio Pagliaro (PAGLIARO, Antonio. *A vida dos sinais*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967) quando aponta um equívoco na discussão dos primeiros filósofos sobre se a gramática seria *empeiria*, isto é, “experiência em ato, pura e simples”, ou se seria *téchne*, técnica, vale dizer, um complexo de “regras”, de noções, finalidade. Na realidade, a gramática melhor mereceria, para o linguista italiano, o nome de *epistème*, cujo significado abrange conjuntamente o saber teórico e o saber prático (BECHARA, 2006, p. 34).

Outro problema identificado na metodologia das gramáticas diz respeito aos exercícios propostos. O que normalmente ocorre é a exposição das regras em frases soltas e cada uma em separado, mas o que ocorre na prática não é isso. O aluno pode entender muito bem as regras e não saber aplicá-las em um texto. Falta a essas gramáticas a inserção do cotidiano, do que o aluno vai encontrar na hora de escrever um texto.

O professor, como responsável pela transferência de conhecimento para o seu aluno, deve atentar para essas questões e identificar quais são as reais dificuldades dos seus alunos e

procurar mudar a forma de abordagem para que esse se torne um assunto de fácil e natural compreensão.

### **3- Uma metodologia para o ensino de vírgula**

O livro “*SkillsBook*” apresenta uma metodologia muito interessante para o ensino. Ao falar sobre o assunto de vírgula. Inicia dando uma rápida explicação sobre alguns casos de onde se usa a vírgula, acompanhada de exemplos, e em seguida apresenta um texto para que as crianças possam analisar onde colocariam as vírgulas. O exercício proposto é a elaboração de um texto, a fim de que elas foquem na utilização da vírgula.

A explicação deveria fugir dessas regras, ela deveria começar pela relação apresentada anteriormente de que a vírgula é empregada na ruptura da ordem direta da oração e nunca entre o predicado e seus elementos. O que ocorre, normalmente, é a mera enunciação desse fato, quando na verdade essa é a base para a vírgula.

Com uma explicação voltada mais para o entender o porquê a vírgula é usada em determinado lugar pode ser mais eficiente. Ao ser proposto um exercício onde o aluno deve colocar as vírgulas em um texto, deve-se propor a ele que justifique o porquê da vírgula nesse lugar. O aluno deveria explicar as notações utilizadas com base na hipótese da vírgula como ruptura da ordem direta, como separadora das orações coordenadas e assim por diante. Para ilustrar segue o trecho de “*O Punhal de Martinha*” de Machado de Assis abaixo:

Quereis ver o que são destinos? Escutai. Ultrajada por Sexto Tarquínio<sup>1</sup>, uma noite<sup>2</sup>, Lucrécia resolve não sobreviver à desonra<sup>3</sup>, mas primeiro denuncia ao marido e ao pai a aleivosia daquele hóspede<sup>4</sup>, e pede-lhes que a vinguem. Eles juram vingá-la<sup>5</sup>, e procuram tirá-la da aflição dizendo-lhe que só a alma é culpada, não o corpo<sup>6</sup>, e que não há crime onde não houve aquiescência. A honesta moça fecha os ouvidos à consolação e ao raciocínio<sup>7</sup>, e sacando o punhal que trazia escondido<sup>8</sup>, embebe-o no peito e morre. Esse punhal podia ter ficado no peito da heroína<sup>9</sup>, sem que ninguém mais soubesse dele; mas<sup>9</sup>, arrancado por Bruto<sup>10</sup>, serviu de lábaro à revolução que fez baquear a realza e passou o governo à aristocracia romana. Tanto bastou para que Tito Lívio lhe desse um lugar de honra na história<sup>11</sup>, entre enérgicos discursos de vingança. O punhal ficou sendo clássico. Pelo duplo caráter de arma doméstica e pública<sup>12</sup>, serve tanto a exaltar a virtude conjugal<sup>13</sup>, como a dar força e luz à eloquência política.



Bem sei que Roma não é Cachoeira<sup>14</sup>, nem as gazetas dessa cidade baiana podem competir com historiadores de gênio. Mas é isso mesmo que deploro. Essa parcialidade dos tempos<sup>15</sup>, que só recolhem<sup>16</sup>, conservam e transmitem as ações encomendadas nos bons livros<sup>17</sup>, é que me entristece<sup>18</sup>, para não dizer que me indigna. Cachoeira não é Roma<sup>19</sup>, mas o punhal de Lucrécia<sup>20</sup>, por mais digno que seja dos encômios do mundo<sup>21</sup>, não ocupa tanto lugar na história<sup>22</sup>, que não fique um canto para o punhal de Martinha. Entretanto<sup>23</sup>, vereis que esta pobre arma vai ser consumida pela ferrugem da obscuridade.

#### Explicações:

1 e 2: uma noite vem entre vírgulas por se tratar de adjunto deslocado, um termo que está fora da ordem direta da oração.

3 e 19: antes da conjunção adversativa *mas*, indica o início de uma nova oração.

4, 5, 7, 8, 11, 13, 15, 17, 18, 22: separa duas orações coordenadas, duas frases completas.

6, 20 e 21: para isolar uma expressão explicativa.

9 e 10: frase com valor de adjunto.

12: adjunto deslocado

14: *nem* seria uma conjunção de valor adversativo, assim uma frase que vem com esse valor deve vir precedida de vírgula.

16: seria uma enumeração.

23: usada para isolar a conjunção *entretanto*.

A seguir uma tabela das principais regras de vírgula, que no meu entender, atendem praticamente todos os casos de vírgula.

NÃO SE USA VÍRGULA na ordem direta da oração, Sujeito Verbo Objeto.	Maria come pão.
Quebra da ordem direta da oração: adjunto adverbial antecipado, aposto, vocativo, elementos repetidos.	Amanhã de manhã, eu vou sair cedo. Maria, a filha de José, vai se casar. José, você vai mesmo comer isso?
Enumeração: casos de elementos que exercem	Maria, João e Pedro comeram bolo.

a mesma função sintática. Elementos que você poderia listar.	Maria comeu bolo, sorvete e chocolate.
Orações independentes: seriam aquelas frases que fazem sentido por si só, uma vez que são sintaticamente independentes. As orações coordenadas.	Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria (A. de Alcântara Machado).
Conjunções adversativas e conclusivas, com conjunção deslocada:	Maria saiu, mas (porém, todavia, entretanto, contudo, logo) vai voltar cedo.

#### **4- Considerações Finais**

Ao se analisar as gramáticas tradicionais, pudemos perceber quão divergente elas são nas regras apresentadas. Como poderia o aluno saber quais regras seguir? O objetivo desse artigo era descomplicar essas questões. Para chegar a esse objetivo fomos da análise das gramáticas normativas até as análises linguísticas.

Desenvolvendo um caminho de compreensão do uso da vírgula chegamos a considerações importantes que devem sair das pesquisas linguísticas e ir para as salas de aula. Fazer com que um aluno compreenda o uso da vírgula, em vez de decorar as regras, deve ser um caminho mais eficiente. Precisamos de livros que auxiliem os professores no desenvolvimento dessa metodologia.

O ensino deve envolver um contexto. Atualmente os alunos aprendem vírgula com frases soltas em que a identificação é, de certo modo, mais fácil. O ideal é que o estudo envolva textos, situações em que o aluno vai se deparar na hora de escrever o seu próprio texto. É normal que os alunos entendam as regras, mas não saibam aplicar em seus próprios textos.

Assim, concluímos que o uso da vírgula pode e deve ser descomplicado. Com pesquisas nessa área que identifiquem quais as maiores dificuldades dos alunos e professores, poderão ser desenvolvidos materiais mais eficientes.

## 5- Referência Bibliográfica

BECHARA, Evanildo. 2009. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BECHARA, Evanildo. 2006. *Ensino da gramática: opressão?, liberdade?* São Paulo: Ática.

CAMARGO, Thaís Nicoleti de. 2005. *Uso da vírgula*. Barueri/ SP: Manole.

CEGALLA, Domingos Paschoal. 2008. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. 2008. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon.

D'AVILA, Suzana. 2009. *Gramática em prática: textos e exercícios*. 2ª ed. São Paulo: editora do Brasil.

NEVES, Maria Helena Moura. 1997. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.

SEBRANEK, P.; KEMPER, D. 2005. *SkillsBook – editing and proofreading practice*. Massachusetts.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues & BRANDÃO, Silvia Figueiredo (organizadoras). 2007. *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto.